

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VICTOR HUGO ZANINE KOSLINSKI

CRIATIVIDADE E A CONCEPÇÃO DE LIBERDADE NA PEDAGOGIA WALDORF

CURITIBA

2013

VICTOR HUGO ZANINE KOSLINSKI

CRIATIVIDADE E A CONCEPÇÃO DE LIBERDADE NA PEDAGOGIA WALDORF

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Biológicas, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tânia Stoltz

CURITIBA

2013

Agradecimentos.

Primeiramente agradeço a minha orientadora por ter aceitado me guiar nesse trabalho e pelas conversas e dicas que deixaram mais claro esse fantástico universo que é a Pedagogia Waldorf. Também agradeço às duas professoras que aceitaram fazer parte da banca, Odisséa Boaventura de Oliveira e Araci Asinelli da Luz que me ajudaram a melhorar esse trabalho.

Agradeço aos meus pais, Rita Maira Zanine e Dionísio Koslinski, por todo o carinho, apoio e conselhos que foram inestimáveis para que eu conseguisse realizar os meus objetivos. Às minhas duas irmãs, Anna Beatriz e Anna Paula, pelo companheirismo e por terem acreditado e defendido as minhas escolhas, além das boas risadas. Também a Gabriel(in memorian) e Doroty pelo amor incondicional a mim disponibilizado.

Às amigas Ila Scholz e Amanda D'Angelis por serem essas pessoas tão especiais e companheiras nessa jornada antropológica. Aos amigos Hugo, Jéssica, Rafaela Ramos, Natália, Najara, Mari, Micheli, Eduardo, Aline Leck, Amanda Soares, Alessandra e Paty Nakasima por serem esses amores de pessoas, pelas besteiras e risadas ao longo do curso, entre outras histórias. Também aos demais colegas de Biologia pela aprendizagem pela qual passamos juntos.

Ao meu grupo de dança Irish Troupe, por ser o meu porto seguro e me dar forças para continuar apesar das dificuldades, e por todas as noites de quinta e sábados de manhã de ensaio que lavavam o pó do dia a dia.

Aos amigos de Role Playing Game, Jorge, Miri, Raffer, Bruno, Tod, Lucas e Roman por terem garantido a fantasia dos domingos a tarde viva e pelas aventuras caçando tesouros, matando dragões e acumulando experiência.

Aos membros do Laboratório de Fisiologia Comparativa da Osmorregulação por me mostrarem o que é ser um biólogo e um cientista, especialmente para a professora Carolina Arrauda Freire que me deu a oportunidade de trabalhar com essa equipe e me ajudou muito com suas conversas.

Aos meus ex-colegas e amigos de Medicina Veterinária que acreditaram em mim quando mudei de curso.

"E se uma criança sonhasse em se tornar algo diferente do que a sociedade esperava? E se uma criança quisesse ser algo maior?"

Jor-El para Kal-El no filme Homem de Aço de Zack Snyder.

E hoje estou firmemente convencido disso, não somente em relação a minha própria experiência, mas também conhecendo as experiências de outras pessoas. Quando seguimos a nossa bem-aventurança, e por bem-aventurança quero dizer o profundo sentimento de se estar no caminho e fazendo aquilo que nos impele a avançar a partir de nosso próprio ser; pode não ser divertido, mas é essa a nossa bem-aventurança. E também há bem-aventurança por trás do sofrimento.

Se seguirmos esse chamado, portas se abrirão onde antes nem havia portas, onde não sabíamos ser possível haver portas, e onde não haveria porta para nenhuma outra pessoa.

*Há alguma coisa importante na integridade de uma vida. E o mundo se mova para ajudá-la.
Realmente, ele faz isso.*

Assim, penso que a melhor coisa que eu posso dizer é: "Siga a sua bem-aventurança". Se para você a bem-aventurança for apenas o divertimento e a empolgação, você está no caminho errado. Ou seja, você precisa ser instruído para saber onde está a sua bem-aventurança. E isso envolve um mergulho no local profundo do seu próprio ser.

Joseph Campbell, A Jornada do Herói.

Resumo

Nunca a criatividade foi tão importante para a nossa sociedade, precisamos resolver diversos problemas relacionados às crises sociais, ambientais e econômicas. Porém, a nossa educação vem fragmentando cada vez mais o conhecimento, acabando por deixar a arte, tão necessária para um ensino mais criativo, de lado. O presente trabalho oferece uma visão sobre o que é a criatividade e como essa se relaciona com a Pedagogia Waldorf e a concepção de liberdade de Rudolf Steiner. Uma escola Waldorf na região de Curitiba foi observada durante trinta dias, também se teve acesso ao seu Projeto Político Pedagógico. Ambos foram analisados a partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa. Através da observação, da análise documental e com o auxílio da literatura pode-se dizer que a Pedagogia Waldorf, por utilizar um método que enxerga o aluno de maneira holística, é capaz de formar alunos mais criativos e livres, e que compreendem seu papel na sociedade e no mundo.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf. Criatividade. Liberdade. Rudolf Steiner.

Abstract

Creativity has never been so important for our society, we need to solve many problems related to social, environmental and economic crises. However, our education is increasingly fragmenting knowledge, eventually leaving the art, so necessary for a more creative teaching, aside. The present study offers a insight into what is creativity, and how this relates to Waldorf pedagogy and the Rudolf Steiner's freedom concept. A Waldorf school from Curitiba has been observed for thirty days, and had access to its Political Pedagogy Project. Both have been analyzed by a qualitative approach. Through observation, document analysis and with the aid of literature it is possible to affirm that Waldorf pedagogy is able to educate a more creative and free thinking students who understand their role in the society and in the world as it utilizes a methodology that see the student in a holistic manner.

Key words: Waldorf pedagogy, Creativity, Freedom, Rudolf Steiner.

LISTA DE SIGLAS

PPP - Plano Político Pedagógico.

Sumário

Apresentação.....	9
1 - Introdução.....	10
2-Justificativa	12
3 - Objetivo.....	13
3.1 - Objetivo Geral.....	13
3.2 - Objetivo Específico.....	13
4 - Fundamentação teórica.....	14
4.1 - O que é criatividade ?.....	14
4.2 - A Pedagogia Waldorf e sua concepção de liberdade	17
5 - Metodologia	22
6 - Resultados e Discussão.....	23
6.1 - Análise do Projeto político pedagógico (PPP)	24
6.2 - Análise das observações em sala de aula	26
6.2.1 - Observação das aulas	27
7 - Conclusão.....	31
Referências.....	32

Apresentação

Quando comecei o curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Paraná ainda não tinha passado pela minha cabeça a possibilidade de realmente ser um professor. Decidi fazer licenciatura para apenas aumentar as minhas possibilidades de emprego. A minha ideia inicial era seguir a carreira acadêmica como um cientista em um laboratório. Porém, ao iniciar as matérias de licenciatura acabei me apaixonando pela arte de dar aula e me senti inclinado a buscar respostas para melhorar a educação em nosso país.

Sim, posso dizer que fui privilegiado, minha mãe e meu pai me matricularam em colégios particulares, e só tive contato com a educação pública no ensino superior. Apesar disso, através das reflexões durante o tempo em que cursei as matérias da licenciatura em meu curso, não creio que tive uma formação completa nos colégios onde estudei. Tive pouco, ou nenhum contato com as artes, e aprendi que apenas matérias como matemática, física e química tinham real importância em um currículo, visto que apenas os alunos que se destacavam nessas matérias ganhavam algum tipo de prêmio. Além disso, estudava mais por medo de tirar notas baixas, o que mesmo assim não resolvia muito, só consegui tirar boas notas em matérias que eu realmente gostava como biologia, história e geografia, porém essas matérias não estavam no *hall* das matérias principais.

Até hoje sinto falta de não ter tido um maior contato com as artes e outras maneiras de me expressar. Apesar de me considerar uma pessoa criativa, acredito que o pouco contato com atividades artísticas ou que pelo menos permitissem algum tipo de criação fizeram que não desenvolvesse todo o meu potencial. Assim parece que tive de correr atrás do prejuízo depois que terminei o ensino fundamental e médio.

Esses meus questionamentos sobre a criatividade e o ensino começaram após dois fatos. O primeiro foi por acaso. Ao navegar pela internet encontrei um vídeo em um site de compartilhamentos de vídeos. Esse vídeo era a gravação de uma palestra proferida por Ken Robinson, basicamente falava como as escolas matam a criatividade das crianças. De acordo com o palestrante, um currículo onde

as matérias exatas ocupam um lugar acima das humanas e essas, por conseguinte, são mais importantes do que as artes, acaba por destruir o espírito criativo inerente da criança. O segundo fato ocorreu quando cursava a matéria de Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas. Durante uma das aulas a professora comentou que tinha vontade de aprender a tocar um instrumento musical e como não teve contato com as artes no colégio, nunca aprendeu a tocar um. Esses fatos me fizeram questionar se o ensino em nosso país realmente está formando adultos criativos não somente na área artística, mas em outras áreas.

Como estudante de biologia, já escutei falar algumas vezes dos meus professores a importância de uma boa pergunta para que se possa desenvolver um bom trabalho e conseqüentemente um bom artigo científico. Uma das formas de conseguir esse tipo de realização, acredito eu, seria através da criatividade do estudante ou pesquisador em produzir um novo conhecimento com seu trabalho e não apenas em reproduzir algo já existente.

Mas para formar indivíduos que realmente consigam produzir algo novo devemos primeiramente investir em um método pedagógico que não apenas ensine pela lógica mecanicista ou através da crítica à realidade do sistema, mas também através da imaginação e da sensibilidade. Foi pensando nisso, e por já ter tido um contato com a Antroposofia de Rudolf Steiner durante os anos que me consultei com uma psicóloga, e pelas leituras sobre o tema, que veio a Pedagogia Waldorf criada também por Steiner. Acredito que essa pedagogia possa garantir uma formação mais completa do humano. Portanto, pretendo, com esse trabalho, tentar verificar como a criatividade é abordado em uma escola Waldorf.

1 - Introdução

A cultura ocidental contemporânea tem as suas raízes na revolução científica do século XVII, onde muitos filósofos começaram a ver experiências não quantificáveis, como as que usam os sentidos, como irrelevantes. (DAHLIN, 2001) Essa influência não se faz presente apenas na ciência, ou na área acadêmica,

também está enraizada no nosso sistema de educação, um sistema que fragmenta o conhecimento. Ou seja, cada parte do conhecimento, o científico, o artístico e o espiritual está apenas em sua esfera e não se relaciona. (CODE, 2011)

Esse tipo de educação fragmentada acaba dando ênfase apenas à parte intelectual e racional do aluno, sendo a imaginação muitas vezes posta de lado. (CODE, 2011). Esse tipo de ênfase, aliado à crença errônea de que arte e ciências não se tocam, que o progresso é meta e que apenas a palavra e não a imagem importa na busca incessante pelo conhecimento, podem acabar por matar a criatividade do aluno.(BAHIA, 2002)

Aqui encontramos um paradoxo: temos uma sociedade em crise, que demanda soluções inovadoras, porém essa mesma sociedade acaba por educar suas crianças, adolescentes e jovens de uma maneira que por vezes mata a criatividade e, por conseguinte, a capacidade de inovação (BAHIA, 2002). O século XX vem trazendo diversos questionamentos acerca do método tradicional de ensino, e diversas pesquisas recomendam um método de ensino mais holístico, que integre o racional, o imaginativo e o espiritual para uma formação ampla do ser.(GIDLEY, 2010).

A Pedagogia Waldorf, desenvolvida inicialmente na Alemanha em 1919 por Rodolf Steiner, que hoje abrange mais de 1000 escolas espalhadas pelo mundo, todas baseadas na mesma filosofia, criada também por Steiner.(GIDLEY 2010, ROCHA 2006, BACH 2012) Filosofia essa que busca reunir ciências, arte e metafísica através de uma ciência espiritual. Esse método educativo busca promover o desenvolvimento integral e balanceado do aluno em todos os seus aspectos, cognitivo, emocional, físico, social, espiritual e estético (ROCHA 2006).

Além de reunir a ciência, a arte e a metafísica, a filosofia de Steiner possui uma concepção de liberdade diferente da qual costumamos ver no mundo ocidental (ROCHA 2006). Rudolf Steiner (2008) acredita que a liberdade do homem não deve ser encontrada fora dele, mas sim, dentro dele. Ou seja, a verdadeira liberdade ocorre quando "o impulso de agir não está fora de nós, mas dentro de nós (p. 33)." Porém para identificar de onde vem esses impulsos e se eles são externos ou internos o ser humano deve primeiro ter um pleno conhecimento de si mesmo. (STEINER 2008)

Por apresentar uma visão de homem e uma concepção de liberdade peculiar acredito que essa pedagogia possa oferecer as ferramentas necessárias para a formação de alunos mais criativos e dispostos a enfrentar os desafios da nossa sociedade contemporânea.

Pretendo assim, nesse estudo, investigar o trabalho com a criatividade no sexto ano do ensino fundamental em uma escola Waldorf. Para tanto, no primeiro capítulo serão abordadas diferentes teorias que definem criatividade. No segundo capítulo pretendo abordar tanto o funcionamento geral da Pedagogia Waldorf como a concepção de liberdade que orienta essa prática pedagógica. No terceiro serão expostos os resultados das observações realizadas em uma escola Waldorf assim como as relações dessa com a literatura utilizada no decorrer do trabalho.

2-Justificativa

O desenvolvimento da criatividade nunca foi tão importante como agora. Para resolvermos os problemas do mundo contemporâneo precisamos de uma educação que não enfoque apenas a reprodução de ideias, mas na criação de ideias novas. (BAHIA, 2002) Porém, a metodologia aplicada na maioria das escolas fragmenta o conhecimento e não consegue desenvolver as potencialidades dos alunos. (CODE, 2011, BAHIA, 2002)

Como apresenta um método de ensino holístico, onde o artístico permeia todas as matérias (ROCHA 2006, GIDLEY 2010), a Pedagogia Waldorf pode apresentar uma importante alternativa para a formação de alunos mais criativos, que conseguem se expressar de diversas formas.

Trabalhos internacionais como os de Gidley (2010) e de Ogletree (1996) mostram como essa pedagogia alternativa favorece a formação de alunos mais engajados em questões sociais e com uma maior criatividade. Ao comparar os resultados de testes de pensamento criativo de Torrance entre alunos da escola pública e de escolas Waldorf em 3 países europeus, Ogletree (1996) concluiu que os

alunos oriundos das escolas Waldorf obtiveram um resultado significativamente maior do que os alunos de escola pública.

Baseado nessas pesquisas, e por serem escassos os trabalhos acadêmicos nacionais sobre a Pedagogia Waldorf, acredito ser importante o estudo de como essa metodologia alternativa, com todas as suas características peculiares, possa influenciar na formação de alunos mais criativos.

3 - Objetivo

3.1 - Objetivo Geral

Observar a rotina de uma escola Waldorf, assim como analisar seus documentos normativos e identificar como a arte está inserida nas matérias e como essa proporciona o desenvolvimento da criatividade.

3.2 - Objetivo Específico

Observar a rotina de uma escola Waldorf e coletar dados referentes às suas práticas.

Analisar no Projeto Político Pedagógico como é tratada a criatividade dos alunos no documento escrito.

Comparar as observações com o Projeto Político Pedagógico e verificar se existe coerência entre a prática da escola com a literatura sobre a pedagogia Waldorf.

4 - Fundamentação teórica

4.1 - O que é criatividade ?

Essa pergunta parece ser fácil de responder. Afinal, se abrimos qualquer dicionário facilmente acharíamos o significado da palavra. Porém, como escreve Alain Beaudot (1976), as definições da palavra criatividade trazem pouco ou nenhum esclarecimento sobre o que realmente venha a ser criatividade. Através dos séculos, vários pensadores têm procurado uma definição para essa palavra que gerou e ainda gera discussões acerca de seu significado (BAHIA e NOGUEIRA, 2005, MAY, 1982). "Em Roma Antiga o termo criatividade possuía vários sentidos. As suas raízes etimológicas têm origem no termo latim *creare* que significava dar existência a, criar, formar, procriar, fundar, produzir." (BAHIA e NOGUEIRA, 2005, p. 337)

De fato, o ato de criar e, por conseguinte, a criatividade sempre causou questionamentos entre os seres humanos. Para os gregos, esse ato era divino, vindo de inspirações através das musas, filhas de Zeus. E ainda hoje vários mitos perduram sobre o tema como: se considerar o ato como apenas uma inspiração súbita do inconsciente ou como um processo inerente a um gênio. (BAHIA, 2005)

Ao considerar o ato criativo apenas como inspiração súbita cria-se a ilusão que as novas ideias surgem como que por mágica, ou seja a ideia surgiria na mente de maneira espontânea e sem relação nenhuma com o trabalho consciente (BAHIA, 2005). A ideia nova realmente surge de maneira abrupta quando o inconsciente invade o nosso consciente, porém ela não surge do nada. Essa ideia nova acompanha o contexto do trabalho ativo do consciente. Rollo May (1982) deixa claro que para uma nova ideia, fruto da criatividade, surgir, o indivíduo deve alternar as horas de trabalho consciente com um descanso. Para May, nesses períodos de descanso, o inconsciente invade o consciente levando consigo o ato criativo.

Já ao considerar a criatividade como apenas inerente à mente de um gênio incorreu-se no reducionismo. Essa ideia acaba por não levar em conta todas as variáveis contextuais que levam ao surgimento do ato criativo, além do mais, essa

ideia leva em conta que o conceito de criatividade deve ser permanente e imutável (BAHIA, 2005). Por outro lado, vários trabalhos mostram que apesar de existir um quociente intelectual (Q.I) mínimo para a manifestação de certo grau criativo, não existe significância entre os valores de Q.I e de criatividade (BEAUDOT,1976) Ou seja, nem sempre alguém com Q.I elevado vai apresentar nível alto de criatividade ou alguém com Q.I baixo vai apresentar um nível baixo de criatividade.

Apesar do grande interesse que a humanidade sempre apresentou pelo ato de criar, a criatividade somente começou a ser desvelada na década de 50, sendo Guilford um dos primeiros pesquisadores a realmente fazer uma análise fatorial sobre o tema. (BAHIA 2005, BEAUDOT, 1976) Na esteira desses primeiros estudos surgiram abordagens pragmáticas que acabaram por criar um efeito maléfico na classificação e reflexão sobre o conceito de criatividade. Mesmo com esses problemas, essas primeiras pesquisas acabaram por colocar a criatividade nas discussões científicas. O que antes raramente era feito, por considerar-se o conceito "obscuro" demais para ser tratado por qualquer tipo de ciências. (BAHIA, 2005)

Getzels e Jackson (1962) começaram a dar uma abordagem mais cognitivista aos estudos sobre criatividade. Em suas pesquisas começaram a deixar claro que tanto a criatividade como o êxito escolar, apesar de dependerem de um Q.I mínimo, não dependiam de um Q.I elevado. Torrance em 1975 usando a mesma linha de pensamento, conseguiu avançar bastante sobre o tema ao usar uma extensa bateria de testes, chegando à conclusão de que a relação entre criatividade e resultado escolar era indubitável. (BEAUDOT, 1976) Guilford defendia que a criatividade seguia uma distribuição normal assim como a inteligência. Porém através de testes observou-se a existência de dois tipos de criatividade a com "c" pequeno (*little c*) e a com "C" grande (*big C*). A criatividade *little c* foi considerada como sendo cotidiana e simples e possuía uma distribuição normal, já a *big C* envolvia pensamentos mais complexos e originais, tendo assim uma distribuição assimétrica. (BAHIA, 2005)

Alguns autores também ressaltam a importância dos processos e estruturas mentais para a criatividade. Maslow (1954), por exemplo, resalta a liberdade, a espontaneidade, a coragem e a aceitação de si próprio como características importantes para a criatividade. Já Barron e Harrington (1981) dão importância à independência, à autoconfiança, à atração pela complexidade, à orientação estética

e à assunção de risco. Já outros autores vão além dos processos cognitivos e salientam a multidimensionalidade da criatividade, ou seja, processos de ordem motivacional, pessoal, emocional e contextual também devem ser levados em conta para definir a criatividade. (BAHIA, 2005)

Não restam dúvidas de que responder à pergunta "o que é criatividade?" seria uma tarefa árdua, e provavelmente nunca se chegaria a um consenso do que esse termo realmente significa. Torrance deixa isso claro em seu trabalho:

Criatividade desafia uma definição precisa...Criatividade é praticamente infinita. Envolve todos os sentidos - visão, olfato, audição, sentimento, gosto, e talvez até o extra-sensorial. Muitos aspectos são ocultos, não verbais e inconscientes. Mesmo que nós tivéssemos uma concepção precisa da criatividade, eu estou certo que nós teríamos dificuldade em defini-la em palavras. – (TORRANCE, ano 1988, p. 43)

Mesmo assim, Torrance oferece várias definições de diversos autores e apesar de algumas diferenças quanto à origem ou a abordagem desses autores podemos concluir que essas definições seguem um mesmo caminho. Através dessas definições fica claro que a criatividade abrange nova abordagem para resolução de problemas, originalidade, inovação, não conformismo, liberdade, criar relações entre o consciente e o subconsciente e o pensamento divergente. (TORRANCE,1988)

Porém, apesar das várias definições encontradas na literatura sobre a criatividade, e acreditando, assim como Gardner, que o processo criativo é multifacetado, no presente trabalho vou tentar me ater ao que seria necessário para a criatividade se manifestar. Rollo May(1982), ao falar sobre o tema, defende que para alguém ser criativo precisa de liberdade e coragem. A liberdade seria necessária para conhecer e fazer o que o indivíduo realmente quer e a coragem seria necessária para o indivíduo romper com conceitos antigos e assim criar algo novo, e também para conseguir olhar para si próprio e descobrir suas motivações. (MAY, 1982)

Apesar da criatividade ser um mistério, como é colocado por Torrance (1988), ainda sim é preciso definir o que é essa criatividade ou pelo menos quais as condições necessárias para o desenvolvimento dela. Rollo May (1982) define a

criatividade como um encontro, encontro esse capaz de absorver a pessoa de uma forma que suas potencialidades são colocadas em uso de maneira única. Para May, esse encontro é a aproximação do polo objetivo com o polo subjetivo, ou seja, a relação entre sujeito e objeto. Porém, vale ressaltar que essa relação não se dá apenas na esfera intelectual, mas é necessário o sentimento agir junto para criar uma relação profunda não dicotômica com o mundo. "A criatividade é o encontro do ser humano intensamente consciente com o seu mundo." (MAY, 1982 p. 53).

Rudolf Steiner (2008), através da sua epistemologia esclarece de maneira magnífica esse relacionamento do homem com o mundo, chegando a uma concepção de liberdade única. Como a Pedagogia Waldorf apresenta esses elementos, acredito que possa formar indivíduos livres e, por conseguinte, criativos.

4.2 - A Pedagogia Waldorf e sua concepção de liberdade

Toda a Pedagogia Waldorf tem suas raízes na Antroposofia, uma ciência proposta também por Steiner. Por possuir uma cosmovisão onde ciências, arte e espírito se integram de maneira mútua, as escolas Waldorf possuem também uma visão diferenciada da prática educativa.(CODE, 2011) Dentro desse método de educação o aluno é visto de maneira completa, sendo função importante da escola e dos professores ajudar no desenvolvimento das capacidades cognitivas, emocionais, físicas, sociais, espirituais e estéticas desses alunos. Além disso, combate uma visão to somente materialista de mundo e busca uma maior integração entre o indivíduo e a natureza e o seu "ser interior".(ROCHA 2006)

Ao entrarmos em uma escola Waldorf, vários aspectos nos chamam a atenção, desde a sua estrutura física, o ambiente é o mais acolhedor possível. As paredes são pintadas com cores leves, e a escola parece estar inserida junto aos elementos da natureza. Mesmo em um ambiente urbano, a escola parece deslocada para um local mais idílico. Dentro das salas de aula é comum encontrarmos trabalhos dos alunos expostos pelas paredes, o quadro negro sempre apresenta uma pintura, feita com giz, sobre o tema da época. Tudo parece ser feito para criar

uma atmosfera diferente do que se passa fora das paredes da escola para os alunos.

Além dessas características, um observador atento conseguiria notar um outro aspecto importante, todas as atividades durante o dia letivo evocam um certo ritmo. (SMITHRIM e LINHARES, 2009) O mais explícito é o ritmo do dia, tudo acontece em períodos certos. As crianças entram na sala sempre no mesmo horário, após fazerem uma fila para cumprimentar o professor. Durante a aula, essa começa com um verso geral onde todos os alunos participam e logo em seguida um verso individual. Cada dia um grupo de alunos lê seu verso. Após essas duas atividades ocorre o que chamam de roda de ritmos, geralmente são atividades em roda onde são feitas danças circulares ou canções, porém algumas turmas realizam atividades físicas como pular corda. (SMITHRIM e LINHARES, 2009) Somente assim a aula começa. Antes do intervalo para o recreio, é feito outro verso para agradecer ao lanche e ao término da aula é feito outro verso.

As aulas na Pedagogia Waldorf ocorrem de modo diferente. Primeiramente existem dois tipos de aulas. A aula de classe ou principal e as aulas de matéria. As aulas de classe, ministradas por professores de classe que acompanham a mesma turma do primeiro ao oitavo ano do ensino fundamental, ocorrem no primeiro momento da manhã, antes do intervalo, e duram cerca de duas horas. (ROCHA, 2006). As aulas de matéria ocorrem após o intervalo e duram cerca de 45 minutos cada uma e são ofertadas pelos professores de matéria. (BACH JÚNIOR, 2012). Nas aulas de classe são dadas as matérias de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História e Ciências Naturais. Essas matérias funcionam por épocas, ou seja, cada matéria é dada em um período de 3 a 4 semanas. As aulas de matéria específica são as línguas estrangeiras, educação física, trabalhos manuais, pintura, desenho e música. (BACH JÚNIOR, 2012).

Fora os ritmos diários citados anteriormente, outro ritmo é respeitado nas escolas Waldorf. Esses ritmos podem ser considerados como os ritmos da formação do "eu". Na Antroposofia, a fase da infância é uma preparação para a formação da individualidade e integração do "eu" de cada ser humano. Segundo essa visão, o homem passa por estágios evolutivos que culminam com a completa integração do

"eu" aos 21 anos. Esses estágios evolutivos são em número de três, duram sete anos e são chamados de setênios.(LANZ, 1986).

O primeiro setênio ocorre do nascimento até a criança completar os sete anos. Durante esse período, a criança desenvolve seu corpo físico. Durante essa fase a criança é permeável a todas as influências do mundo. Na verdade pode-se considerá-la como um grande órgão sensório. Em decorrência dessa permeabilidade, a criança aprende sobretudo pela imitação. Sendo assim, pais e professores devem ter especial cuidado para dar exemplos coerentes que não gerem confusão e ansiedade nas crianças(LANZ, 1986).

Durante o segundo setênio, período dos sete aos quatorze anos, a criança, com seu corpo físico já mais desenvolvido, começa a desabrochar a sua personalidade. Nessa fase a criança possui muita energia, tem uma grande capacidade de assimilação de conhecimentos, além da vida da criança estar permeada por sentimentos e emoções. Aqui se deve tomar especial cuidado em não investir demais na racionalidade com a criança, visto que essa, por estar na fase dos sentimentos, anseia por suas fantasias e imagens que alimentem essa fase. Aqui a criança deve ser ensinada através dos fenômenos e não de forma abstrata e teórica (LANZ, 1986).

No terceiro setênio, que vai dos quatorze anos até os vinte e um anos, o indivíduo começa a se interiorizar e se retrair. O "eu" começa a surgir, e o jovem entra em choque com o mundo exterior, seu espírito crítico e raciocínios questionam tudo. Esse embate entre o "eu" quase formado e o mundo exterior ocorre até o amadurecimento pleno aos 21 anos de idade (LANZ, 1986).

A grande importância da educação na Pedagogia Waldorf seguir esse ritmo é a própria concepção de liberdade proposta pelo seu criador e fundador, Rudolf Steiner. Ele questionou de maneira contundente os filósofos da sua época que questionavam a liberdade do ser humano, tratando essa como mera ilusão e completamente fora do senso científico; porém, também questionava os filósofos que defendiam a existência da liberdade humana de maneira equivocada, deixando o homem refém de desejos e vontades misteriosas. (STEINER 2008).

Rudolf Steiner possui claramente influência de três autores, Franz Brentano, Friedrich Schiller e Johann Wolfgang von Goethe. É através desses autores que Steiner cria sua cosmovisão, tanto na parte fenomenológica quanto estética (WELBURN 2005).

Steiner deixa claro em duas de suas obras: "O método cognitivo de Goethe" e "A filosofia da liberdade", como o homem se relaciona com o mundo. Para ele, a percepção do objeto que vem do mundo externo é incompleta, sendo necessários os conceitos criados pelo pensar do homem para completar a realidade. Aqui se pode falar que ao observar um objeto aciona-se um pensar criando-se assim um conceito para o objeto observado. Quando não estou olhando mais para ele, o que sobra é a representação mental do objeto (STEINER, 2008). "A representação mental se situa, portanto, entre percepção e conceito. Ela é o conceito com uma determinada referência à percepção." (STEINER, 2008, p. 33) Uma pessoa incapaz de formar conceitos não consegue adquirir experiência, pois não consegue estruturar os objetos observados. Já uma pessoa capaz de criar conceitos, mas com uma capacidade de percepção embotada pela falta de sensibilidade, também não se torna experiente. Ela até pode adquirir conceitos, mas esses não têm vivacidade. (STEINER, 2008).

Porém, o homem não se relaciona com o mundo apenas através do pensamento, o sentimento também é de grande importância para essa relação, visto que o pensar apresenta uma natureza universal, enquanto o sentimento possui uma natureza individual. (STEINER, 2008). "O pensar é o elemento através do qual participamos do universo geral; o sentir é o meio pelo qual nos retraímos em nosso mundo próprio." (STEINER, 2008, p. 33) Sendo assim, é através do sentimento que chegamos à ideia da nossa personalidade, através dele somos cientes da nossa individualidade como sujeitos que se relacionam com o mundo externo. Para Steiner (2008), é através do equilíbrio entre o pensar e o sentir que se cria a verdadeira cognição do homem.

Com isso, fica claro o que outros autores (ROCHA, 2006 ; BACH JÚNIOR, 2012) escreveram como sendo a concepção de liberdade em uma escola Waldorf. De acordo com esses autores, a liberdade só é alcançada com autoconhecimento e isso demanda disciplina. Isso ocorre pelo seguinte motivo, ao olharmos para nós

mesmos, somos tanto o sujeito como o objeto da relação. O sentimento nos permite fazer isso, porém essa percepção é ainda incompleta, sendo o conceito que formamos a partir dessa observação o que a completa. (STEINER, 2008). Assim, posso falar em um conceito de mim mesmo, esse seria então o autoconhecimento.

Assim poderia surgir uma pergunta: por que o autoconhecimento, esse olhar para si mesmo é tão importante para a liberdade do homem? Rudolf Steiner (2008), para responder esse tipo de pergunta, primeiramente deixa claro que liberdade não é apenas o mero querer, ou melhor, não seria apenas atender à minha vontade o tempo todo. É necessário, primeiro, identificar da onde vem essa vontade, pois muitas vezes essa vontade é um mero impulso, como no caso de ir atrás de comida quando estamos com fome. É aí que entra o olhar para si mesmo, quando faço isso de maneira correta; ou seja, através de como me relaciono comigo mesmo de forma completa consigo identificar se esse querer agir, essa vontade, veio de mim ou do mundo externo.

O homem seria então realmente livre se consegue, em todos os momentos da vida, seguir apenas a si mesmo. Porém, esse agir não é algo impulsivo; quando faço isso, não identifico em mim os motivos pelo meu ato, esses motivos são externos a mim. Isso não significa que agir apenas de acordo com regras e do que é moralmente aceito seja ser livre, principalmente se essas regras vêm do mundo externo. Para realmente agir de maneira livre deve haver um equilíbrio entre o meu pensar e o meu sentimento, assim consigo identificar em mim a vontade para realizar certo objetivo e, portanto, isso demanda tanto disciplina como uma formação saudável do "eu". (STEINER, 2008),

Porém, alguém pode estar se perguntando o que essa liberdade tem haver com a criatividade? Ora, para Steiner (2008), o sentir é necessário para que consigamos nos retrair em nós mesmos, assim nos reconhecemos como indivíduos. Somente por esse reconhecimento consigo ver a relação existente entre o "eu" como sujeito e o mundo como objeto, consigo assim identificar o que vem da minha individualidade e o que vem do mundo nessa relação. Rollo May (1982) descreve a criatividade como o encontro do indivíduo com o mundo, ou seja, na verdade a criatividade só se estabeleceria pela presença da liberdade.

5 - Metodologia

A pesquisa para ser feita precisa do confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Porém, uma pesquisa não deve ser feita de maneira isolada da realidade, deve ser antes um recorte dessa. (LUDKE e ANDRÉ, 1986)

Quando se diz recorte da realidade, me refiro ao fato, de que minhas observações estão trazendo também o meu conteúdo pensamental. A percepção, no momento em que visualizo algo é apenas parte da realidade, eu completo essa realidade com meus conceitos.(STEINER, 2004). Assim sendo, as observações que eu realizo em uma pesquisa sempre vão trazer algo de mim e de minha história, da minha vivência. Para obtermos uma experiência pura, destituída de qualquer juízo de qualquer observador, devemos fazê-la de maneira passiva, porém algo assim só traria um amontoado de impressões desconexas, meu pensamento precisa assim organizar essas impressões. (STEINER, 2004).

Ao realizar qualquer tipo de pesquisa, preciso primeiro de um método que consiga abordar o tema da mesma. Todo o tipo de ciência apresenta uma maneira de ser analisada, por exemplo, nas ciências naturais, mais especificamente dentro da Física, analisamos um fenômeno através das causas e efeitos. Porém, esse método seria falho ao se utilizar para explicar as ciências Biológicas ou Humanas.(STEINER 2004) A pesquisa em educação se situa dentro do âmbito das ciências ditas humanas, e para tanto deve-se utilizar seus métodos. Usar métodos de outras ciências apenas incorreria no reducionismo da complexidade que é o fenômeno educacional.(LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Assim sendo, no presente trabalho foi escolhida uma abordagem qualitativa para a coleta de dados e sua análise. Esse tipo de abordagem permite ao pesquisador buscar diretamente do ambiente natural a fonte de informações necessárias para as pesquisas. Além disso, permite que o pesquisador possa presenciar um maior número de fatos relevantes à sua pesquisa por supor um contato direto e prolongado com o campo.(LUDEKE e ANDRÉ, 1986).

O presente trabalho focou-se na observação participante de duas turmas de uma escola Waldorf. Uma turma do quarto ano e outra do sexto ano do ensino fundamental. As observações buscaram ver como a criatividade é estimulada nos alunos no decorrer do dia letivo.

O período de coleta de dados se realizou do dia 15 de agosto de 2013 até o dia 26 de novembro de 2013. A observação começou apenas no segundo semestre, pois tive de aguardar a aprovação do colegiado da escola. As turmas observadas foram escolhidas, pois eram as únicas que poderiam receber observadores no momento da pesquisa. As aulas foram observadas de maneira integral desde o início, às sete horas e trinta minutos da manhã, até o final, ao meio dia e meia. Os dias de observação eram segunda e terça, pois esses eram os dias disponíveis para se fazer as observações no horário citado. Todas as aulas nesse período foram observadas para verificar se a criatividade seria estimulada e se de maneira isolada ou não. A Escola Waldorf escolhida fica situada no município de Curitiba e foi escolhida pela proximidade do local onde moro.

Durante as observações das aulas foram anotados em um diário todas as atividades realizadas com os alunos, assim como as mais diversas situações como casos de indisciplinas, maneira como a professora chamava a atenção e o ritmo do dia a dia das turmas observadas. Após a saída da escola, os dados anotados do diário eram passados para um computador para manter a organização e foram ressaltados os pontos relevantes para o presente trabalho.

Junto com a observação das salas de aula também foi feita uma análise documental do Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) para verificar se o estímulo à criatividade está no discurso teórico do colégio e se o discurso do PPP se encontra com a prática docente realizada na escola.

6 - Resultados e Discussão

A análise dos dados coletados durante as observações na escola e do estudo do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola Waldorf, onde se realizou a pesquisa, será dividida em duas partes para uma maior organização. Na primeira

parte irei me dedicar à análise do PPP e, na segunda parte, vou me focar nas observações das turmas do quarto e sexto ano do ensino fundamental.

6.1 - Análise do Projeto político pedagógico (PPP)

Como em qualquer outra escola, com qualquer estrutura pedagógica, o que norteia as suas práticas e seu funcionamento é o Projeto Político Pedagógico. Na escola Waldorf observada não poderia ser diferente. O PPP da escola descreve de maneira completa a história da escola, sua estrutura física e pessoal e os marcos teóricos que norteiam sua pedagogia.

O PPP é marcado pelas teorias defendidas na Antroposofia e, de acordo com esse documento, toda a escola é estruturada segundo essas teorias. Uma associação de pais, professores e uma associação mantenedora formam o corpo deliberativo, executivo e consultivo da escola e funcionam de maneira democrática e em conjunto. Essa forma de organização segue o que Rudolf Steiner chama de trimembração do organismo social. No presente trabalho, não vou entrar nesse âmbito, sendo apenas citado.

A descrição do funcionamento é igual ao que foi descrito no segundo tópico do presente trabalho. No ensino fundamental, um professor de classe acompanha a turma do primeiro ao oitavo ano, sendo ele responsável pela aula de classe que se estende das sete horas e trinta minutos até o meio dia e quinze. A função desse professor é a de dar as matérias de língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências naturais. Além dessa função, é o professor de classe que faz a ponte entre pais de alunos - escola, também é ele que fala com os demais professores de matérias para um melhor funcionamento do ensino. As aulas de classe funcionam em regime de épocas, o que garante uma maior inserção do aluno no tema, e evita a ansiedade do tempo fragmentado.

Aqui encontramos uma das condições para a formação de alunos mais criativos. Segundo Ogletree (1996), o fato de um professor acompanhar a turma como um todo, caso encontrado em qualquer escola Waldorf, já seria uma condição para a formação de um aluno mais criativo. Isso ocorre, pois o professor torna-se

íntimo tanto dos alunos como dos seus pais, assim ele compreende as necessidades individuais dos alunos e do coletivo da sala de aula.

Outro fato importante quanto ao funcionamento das salas de aula e das matérias, tanto as regidas pelo professor de classe como pelos professores de matéria, é a questão da avaliação. Não existem provas ou testes, a não ser quando um aluno novo entra, nesse caso o teste é feito para verificar os conhecimentos do aluno e orientar em qual sala ele deve ser colocado. As avaliações são feitas de maneira diária pela observação atenta do professor. Ao final de cada época é emitido um parecer descritivo, nesse parecer consta o aspecto social e a relação do aluno com o processo de aprendizagem. No final do ano é emitido um parecer referente ao ano inteiro, feito a mão pelo professor. Esse parecer é entregue somente aos pais para ser lido somente por eles e não pelo aluno.

A ausência de avaliação e da classificação dos alunos por notas é outro fator essencial na formação de alunos mais criativos (Ogletree, 1996). Fato esse comprovado por outros trabalhos, que discorrem sobre a ansiedade gerada pelo medo de errar e, por conseguinte, ter um mau desempenho em um teste ou prova. (May 1982, Beudot 1976). Outra característica a ser ressaltada é a motivação dos alunos. Como não existe o fator recompensa dada por uma nota, a motivação para determinada tarefa proposta seria interna e não externa. Hennesey e Amabile (1988) deixam claro que resultados de testes de criatividade foram maiores quando crianças eram expostas a tarefas sem uma recompensa aparente.

A escola não é considerada confessional, porém atende a princípios cristãos, dito isso, a escola possui quatro festas cíclicas: a Páscoa, o São João, o Dia de Micael e o Natal. A escola também apresenta outros eventos no decorrer do ano, como sábado cultural e eventos de fim de semestre. Durante esses eventos, as crianças participam de atividades culturais criadas por elas com a ajuda de professores, como: teatros, corais, orquestras entre outros. Sempre é dada a abertura para a criança se expressar no palco nessas festas. Assim se dá a devida importância para o trabalho criativo dos alunos.

Fora esses detalhes sobre o funcionamento da escola e como ela se encontra estruturada, temos também a descrição do marco teórico no PPP. É através do

desse marco que a escola se situa em relação à sua prática pedagógica. Como é uma escola Waldorf, as práticas pedagógicas são fortemente marcadas pela Antroposofia e pelas ideias de Rudolf Steiner. Essas ideias descrevem como deve ser a prática dos professores durante os diferentes setênios, além de embasarem a concepção de homem e de liberdade da escola.

Posso aqui falar que a escola, através do PPP, se propõe a educar para a liberdade, permitindo ao aluno não somente conhecer o mundo à sua volta, mas também a si mesmo. Pois se a escola segue a Pedagogia Waldorf, como é colocado no PPP, ela educa de forma equilibrada o querer, o sentir e o pensar do aluno como é descrito por Lanz (1986). Além disso, educa para a liberdade, pois como é visto em Steiner (2008), é essa visão equilibrada que cria um homem capaz de olhar para ele mesmo e agir de modo livre.

6.2 - Análise das observações em sala de aula

Antes de escrever sobre as observações dentro da sala de aula, pretendo escrever de modo sucinto como é a estrutura física da escola observada. Não pretendo descrever os detalhes técnicos da construção e do terreno, mas sim as impressões que certos detalhes me causaram.

Bom, estou mais acostumado a observar escolas públicas do Estado, o que foi feito durante a minha graduação. Essas escolas, apesar de terem uma estrutura física, às vezes deteriorada ou impecável, para mim ainda têm certa frieza no modo como são pintadas ou construídas. O ambiente dessas escolas não aparenta ser acolhedor e tão pouco parece respirar arte. Assim, que me impressionei com a escola Waldorf observada. Ao entrar na escola, a impressão é que mais parece uma casa de campo, como se fosse uma chácara. As cores utilizadas para pintar as paredes são vivas, porém leves e transmitem certa calma. O ambiente escolar é envolto por natureza, com árvores dentro e ao redor do terreno da escola, criando uma atmosfera idílica. Dentro das salas de aula a organização e a disposição dos móveis é impecável, a pintura das paredes e as cores das cortinas seguem o mesmo padrão do lado externo, mas são mais claras e suaves. Cada sala possui uma pequena biblioteca com livros pertinentes à série da turma. Porém, o que

realmente chama a atenção são outros fatores. A quantidade de trabalhos expostos nas paredes da sala de aula, como aquarelas, desenhos com carvão ou com giz de cera, entre outros trabalhos manuais. Além disso, tem o quadro negro que sempre possui um desenho feito em giz referente à época, o desenho é feito pelo professor de maneira caprichosa e, na maioria das vezes, muito detalhado.

Descrevo o ambiente físico da escola, principalmente pelo fato de alguns autores como Ogletree (1996), Beaudot (1976), Hennesey e Amabile (1988) descreverem em seus trabalhos a influência do ambiente físico sobre a criatividade. Para eles, esse ambiente deve ser estimulante, criando assim uma atmosfera própria para o trabalho com algum meio artístico, seja ele pintura, desenho, música ou escrita.

Com o ambiente descrito posso me ater agora à descrição das observações realizadas no quarto e no sexto ano do ensino fundamental. Primeiro vou citar as observações mais relevantes para o estudo em cada turma e após discutir os pontos pertinentes.

6.2.1 - Observação das aulas

O começo das aulas na escola ocorre às sete horas e trinta minutos, os alunos fazem uma fila para entrar na sala de aula e, quando o professor abre a porta da sala, os alunos entram um por um cumprimentando o professor e sentando nos seus lugares. Tudo isso ocorre da maneira mais organizada possível. Todas as turmas fazem isso desde o primeiro até o nono ano, assim é criada uma cultura de respeito mútuo entre professor e aluno.

Quando todos estão organizados em seus lugares, em pé, os alunos recitam o verso da manhã e, dependendo do dia da semana, um grupo de alunos recita um verso individual. No quarto ano são quatro alunos por dia e no sexto ano dois. Somente após os dois versos os alunos fazem a roda de ritmo. A roda e a atividade realizada nesse período depende do ano em que os alunos estão. No quarto ano durante a roda eles fazem percussão com corpo, batendo palmas, ou os pés no chão. Também cantam músicas sobre o tema da época. Já no sexto ano a roda de

ritmo é alterada por pular corda, geralmente os alunos pulam corda dupla ou cruzada e fazem diversas brincadeiras enquanto pulam como: pular agachado, sapatear enquanto pulam ou pular em um pé e só.

Após a roda de ritmo, as professoras de classe começam as suas aulas propriamente ditas. Geralmente a aula começa com uma retomada do conteúdo passado no dia anterior, isso apenas não ocorre nas primeiras aulas da época. Após a retomada do conteúdo é explicado o conteúdo novo. A explicação do conteúdo depende muito da matéria. Por exemplo, no quarto ano observei a época de história do Brasil, a professora explica o conteúdo novo como se fosse uma narrativa. Já no sexto, onde as épocas observadas foram de zoologia, mineralogia e astronomia, o conteúdo novo era explicado remetendo ao dia a dia do aluno e, aos poucos, os conceitos novos eram construídos. Ao término da explicação, as professoras passam um texto no quadro sobre o tema, os alunos então pegavam o caderno da matéria, um caderno sem pauta, e copiavam o texto. Para a cópia do texto, os alunos sempre devem fazer uma borda, porém enquanto no quarto ano a professora orienta como fazer essa borda, no sexto, os alunos são deixados mais livres para fazer o tipo de borda que eles querem. Além dessas diferenças, os alunos do quarto ano apenas escrevem no caderno a lápis, no sexto eles usam a caneta tinteiro. Além de escreverem os textos passados no quadro, as professoras também pedem que sejam feitos desenhos sobre o tema. Quando essa atividade é possível, geralmente esses desenhos são mais livres no sexto ano. Além disso, no sexto ano a produção de textos próprios é maior e menos diretiva.

Às nove horas e trinta minutos, as professoras pedem para os alunos guardarem o material e se organizaram em seus lugares. Após essa organização, os alunos fazem um verso para o lanche, geralmente agradecendo o alimento, e são liberados para o intervalo.

Fica claro que toda a escola segue um ritmo definido, os horários são seguidos de maneira pontual. Raramente uma aula começa mais tarde ou termina mais cedo. De acordo com Smithrim e Linhares (2009) esse ritmo diário dá segurança para os alunos, diminuindo a ansiedade. Muitas vezes essa ansiedade pode atrapalhar o desenvolvimento criativo, pois a criança fica perdida no horário e

não sabe até onde ir com determinada atividade, não conseguindo desenvolvê-la de maneira adequada. (MAY, 1982; BEUDOT, 1976).

Após o intervalo, as aulas continuam com os professores de matéria específica, como inglês e alemão, pintura, música, trabalhos manuais ou educação física. As aulas de língua estrangeira são dadas de maneira mais lúdica que as aulas de classe. Geralmente são utilizadas músicas para os alunos adquirirem certa fluência. Outras atividades, como desenhos ou encenações para aprender essas línguas também são utilizadas. A diferença entre o quarto e o sexto ano é que as aulas de língua estrangeira no sexto ano focam mais na gramática, enquanto que no quarto mais em significados das palavras.

As aulas de música foram observadas apenas no quarto ano. A aula começa com ritmos através da percussão com o corpo, bater os pés no chão, bater palmas, etc. Toda a atividade deve seguir o ritmo ditado pelo professor. Depois eles aprendem certas notas em um instrumento, no caso das aulas observadas, a flauta doce. O professor também faz brincadeiras com os alunos pedindo para que eles identifiquem qual é a nota tocada apenas pelo som. Ficou claro que o enfoque das aulas é a musicalidade.

As aulas de pintura para mim foram as mais peculiares. Tanto a professora do quarto ano, como a do sexto são bem diretivas. Por exemplo, no quarto ano, em uma aula, eles pintaram uma caravela em um oceano usando a aquarela. A professora orientava os alunos onde eles deveriam usar certa cor para fazer o mar e o céu, assim como qual cor usar para fazer a caravela. No sexto ano os alunos estavam usando o carvão para fazer desenhos e estavam aprendendo a fazer luz e sombra nos objetos. Para isso, a professora levou os alunos em uma sala escura e através de uma lanterna iluminou o objeto (uma esfera) em diferentes posições. Ela pediu para os alunos prestarem atenção onde a sombra se projetava, após essa exposição, os alunos desenharam a esfera com sua sombra. Também no sexto ano os alunos pintaram um céu estrelado com a aquarela. A professora orientou-os como chegar ao efeito desejado. Porém, apesar das diretivas, as aulas de pintura no sexto ano eram mais livres do que as do quarto.

Aqui é comum acharem que existe uma inibição da criatividade do aluno por ser um método diretivo de pintura ou desenho. Porém, Rocha (2006) deixa claro em seu trabalho que os professores Waldorf estão buscando mais formas de expressão do que a expressão nas aulas de pintura. Ou seja, os professores querem que os alunos experimentem diversas técnicas e saibam como a tinta se comporta no papel ou, no caso da música, como um instrumento se comporta. Na verdade, para mim fica claro que o que está sendo dado para os alunos são ferramentas para eles se expressarem.

Além disso, essa transição entre as matérias mais intelectuais antes do intervalo e matérias artísticas, após o intervalo, acontece por um motivo. De acordo com Lanz (1986), as artes são regenerativas e servem também para organizar a mente da pessoa. Essa alternância entre trabalho e descanso é importante para a criatividade, de acordo com May (1982); é no descanso após o trabalho intelectual que alguém tem o *insight* criativo. Então, essa alternância seria benéfica para estimular a criatividade.

Outras atividades realizadas no período de observação foram os passeios pedagógicos. No quarto ano a professora levou os alunos para o Anhangava, na época de história. Durante a aula, após o passeio, ela usou a atividade para questionar os alunos sobre o que sentiram ao chegar ao destino e quando voltaram para suas casas e fez comparações com o sentimento dos portugueses ao chegarem ao Brasil, depois de tanto tempo navegando. Já no sexto ano, o passeio foi um acampamento no Guartelá, na época de mineralogia e astronomia. Durante a noite os alunos observaram a Lua e algumas estrelas. No dia seguinte, foram para o parque Vila Velha para observar os arenitos. Durante a aula, a professora usou o passeio para esclarecer algumas dúvidas pendentes, além dos alunos terem feito um texto sobre o passeio.

Fica claro com as observações que o intuito dos professores é que os alunos consigam obter uma boa quantidade de percepções do ambiente. Além disso, durante as aulas os professores ajudam os alunos a construir os próprios conceitos. Steiner (2008) expressa que é através da relação entre o mundo das percepções e o mundo pensamental que se cria a realidade. Essa interação entre

sentir e pensar vai criando as representações mentais e quanto mais ricas essas representações mais rica será a experiência de vida do indivíduo.

7 - Conclusão.

Ao longo do presente trabalho, ao realizar as leituras e as observações na escola Waldorf, fui compreendendo como a Pedagogia Waldorf se estrutura. A cada livro ou artigo lido sobre o tema juntamente com a observação, ficava claro para mim que a proposta de Rudolf Steiner não era apenas uma teoria "bonita", mas sim algo real e aplicável e que precisa de maiores estudos para ser melhor compreendida.

De acordo com a visão de Steiner (2008), a liberdade somente pode ser alcançada através de autoconhecimento, pois ela vai muito além de apenas fazer o que queremos na hora que queremos. É preciso identificar em nós mesmos a vontade do agir. Assim também acontece com a criatividade, pois essa também vem da relação do homem com o mundo, e o ato para ser verdadeiramente criativo tem que vir de toda a intensidade do meu ser. (MAY, 1982).

Para realmente afirmar se a Pedagogia Waldorf realmente forma cidadãos livres e por conseguinte criativos, dispostos a seguir o que realmente os define como seres humanos, seria necessário mais pesquisas e com uma maior profundidade. Ogletree (1996) consegue definir que a Pedagogia Waldorf, nos países estudados, possui alunos mais criativos, porém ele mesmo identifica falhas nos testes que medem a criatividade.

A própria criatividade é ainda algo misterioso, poderíamos ler diversos autores e cada um deles apresentaria uma definição diferente do tema. Se um dia vamos ter uma definição exata sobre o que venha a ser criatividade, nunca saberemos, e há quem diga que ela deve continuar assim, pois no dia que desvelarmos esse mistério a fonte criativa talvez seque (JOHNSON - LAIRD, 1988)

Acredito que com esse trabalho consegui pelo menos mostrar uma metodologia pedagógica que vê o aluno como um todo, um ser composto de querer, sentir e pensar. E que acredita em um ensino onde ciência, arte e vida espiritual

podem não ser fragmentados. Além disso, também creio que com mais pesquisa possa ser realmente demonstrado que as escolas Waldorf são uma solução, porém não a única, para um ensino mais humano.

Referências.

BAHIA, S. Da educação à arte e à criatividade. **Sobredotação**, Braga, v. 3, n. 2, p. 101 - 125, 2002.

BAHIA, S.; NOGUEIRA, S. I. Entre a Teoria e a Prática da Criatividade. In: MIRANDA, G.; BAHIA, S. **Temas de Psicologia da Educação: Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2005. p. 333 - 362.

BACH JÚNIOR, J. **A Pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner**. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

BARRON, F.; HARRINGTON, D. M. Creativity, intelligence and personality. **Annual Review of Psychology**, California, n. 32, p. 439 - 476, 1981.

BEAUDOT, A. **A criatividade na escola**. São Paulo: Nacional, 1976.

CODE, J. The art of knowing: Epistemological implications for a schooling of the imagination. **Research on Steiner Education**, Stroud, v. 2, n. 1, p. 12 - 23, jul. 2011.

DAHLIN, B.; The Primacy of Cognition - or of Perception? A Phenomenological Critique of the Theoretical Bases of Science Education. **Science & Education**, Netherlands, n. 10, p. 453 - 475, 2001.

GETZELS, J. P.; JACKSON, P. W. **Creativity and intelligence: Explorations with gifted children**. Oxford: Wiley, 1962.

GIDLEY, J. M. Holistic Education and Visions of Rehumanized Futures. **Research on Steiner Education**, Melbourne, v. 1, n. 2, p. 139 - 147, dez. 2010.

HENNESSEY, B. A.; AMABILE, T. M. The conditions of creativity. In: STERNBERG, R. J. **The nature of creativity: Contemporary psychological perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 11 - 38.

JOHNSON - LAIRD, P. N. Freedom and constraint in creativity. In: STERNBERG, R. J. **The nature of creativity: Contemporary psychological perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 202 - 219.

LANZ, R. **A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1986.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MASLOW, A. **Motivation and personality**. 3. ed. New York: Harper & Row, 1954.

MAY, R. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

OGLETREE, E. J. The Comparative Status of the Creative Thinking Ability of Waldorf Education Students: A Survey. **Early Childhood and Parenting**, Illinois, p1-17, set. 1996. Disponível em: <http://ecap.crc.illinois.edu/eecearchive/digests/ed-cite/ed400948.html>. Acesso em: 29/11/2013.

ROCHA, D. L. de S. Concepções de liberdade na educação Waldorf: um estudo de caso. **Educação**, Porto Alegre, v. 60, n. 3, p. 551 - 566, set/dez. 2006.

STEINER, R. **O método cognitivo de Goethe: linhas básica para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2004.

STEINER, R. **A filosofia da liberdade: fundamentos para uma filosofia moderna; resultados com base na observação pensante, segundo o método das ciências naturais**. São Paulo: Antroposófica, 2008.

SMITHRIM, K.; PRATA -LINHARES, M. M. O Poder do ritmo no ensino e na aprendizagem. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 2, n. 12, p. 359 - 378, 2009.

TORRANCE, E. P. The nature of creativity as manifest in its testing. In: STERNBERG, R. J. **The nature of creativity: Contemporary psychological perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 43 - 75.

WELBURN, A. **A filosofia de Rudolf Steiner: e a crise do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Madras, 2005.